



ID: 117065969

09-05-2025

Berbicacho Marcelo quer uma maioria que não caia ao primeiro sopro. Avaliação do Executivo é negativa, mas o PS cai mais

Maioria quer mudar de Governo, mas AD mantém liderança

Texto **VÍTOR MATOS**
Infografia **SOFIA MIGUEL ROSA**

Com as comitivas partidárias a rolar na estrada e o ciclo dos 30 debates fechado — incluindo o duelo entre Luís Montenegro e Pedro Nuno Santos, visto por quase um terço do eleitorado —, as intenções de voto para as legislativas de 18 de maio não se alteraram de forma significativa em relação aos resultados de há três semanas na sondagem do ISCTE/ICS para o Expresso e a SIC. Embora uma maioria de inquiridos considere que o Governo “devia mudar” e que a Aliança Democrática (AD) realizou um mau trabalho, essas opiniões não fazem a coligação governamental tremer na liderança das intenções de voto. E também não ajudam o PS e o Chega a subir. Caem todos ligeiramente, quando continua a haver 12% de indecisos, sensivelmente a mesma percentagem do último estudo. Com este retrato, se as eleições fossem hoje ficaria tudo na mesma em termos de governabilidade, o que corresponde a dores de cabeça para Marcelo Rebelo de Sousa resolver o “berbicacho” que terá de desenlear em Belém.

O inquérito, que abrangeu 1002 eleitores, com simulação de voto em urna, foi realizado entre os dias 25 de abril e 5 de maio, já depois do impacto mediático da polémica com as casas de Pedro Nuno Santos e a revelação dos sete clientes desconhecidos da Spinumviva, a empresa familiar de Luís Montenegro. Mesmo sem ser possível apurar se estas controvérsias tiveram efeito nas intenções de voto, o estudo indica que a AD sofreu uma ligeira descaída de um ponto percentual, de 33% para 32% (com distribuição de indecisos e exclusão dos abstencionistas), sem correspondência no crescimento do PS. As intenções de voto nos socialistas caem dois pontos percentuais, de 29% para 27%, uma quebra equivalente à registada pelo Chega, que desce de 21% para 19%. São, no entanto, variações mínimas e dentro da margem de erro da sondagem, e que mantêm a AD com um *score* potencial superior ao das legislativas de 2024, enquanto PS e Chega não

variam muito em relação às eleições do ano passado. Sem contar com a distribuição de indecisos, a quebra da AD é de dois pontos percentuais em relação ao último estudo, uma queda semelhante à do Chega. Porém, quem regista a maior descaída no voto direto é o PS, que cai de 23% para 20%, embora os socialistas estejam a consolidar mais eleitorado: a percentagem dos que

AVISO DO PRESIDENTE

É “fundamental” que programa passe

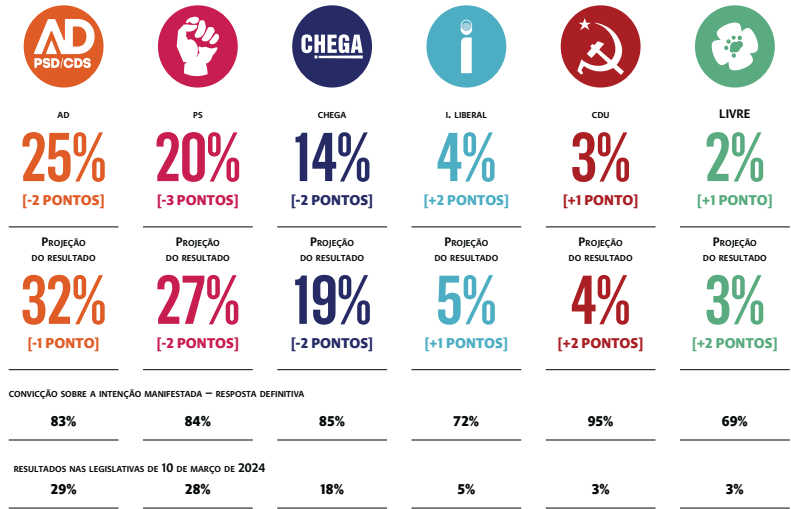
Como o Expresso tinha adiantado em março, a condição essencial para o Presidente da República dar posse a um novo Governo saído das eleições de 18 de maio é que tenha condições para passar o seu programa no Parlamento. “A questão fundamental é ter a certeza de que o Governo que vai ser nomeado tem condições para arrancar o seu programa de governo. Depois se verá como é que corre naturalmente a gestão económica, financeira, ao longo da legislatura”, afirmou esta quinta-feira Marcelo Rebelo de Sousa à margem de um encontro cultural, no Palácio de Belém. “O que é de evitar nestas circunstâncias, obviamente, é um Governo que logo à partida, ouvidos os partidos todos, não tem condições nenhuma para ser viabilizado no Parlamento”, acrescentou o Presidente, que foi ainda mais claro: “O Presidente está à vontade para nomear um Governo, tendo a certeza que o Governo não é rejeitado imediatamente. Não está à vontade para o nomear, não tendo essa certeza.”

EUNICE LOURENÇO

INTENÇÃO DE VOTO

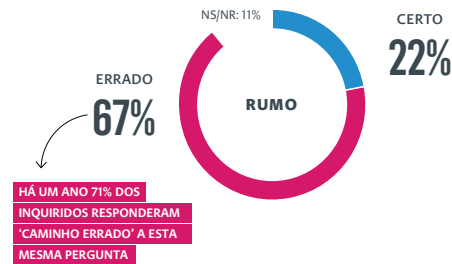
Como votaria se as eleições legislativas fossem hoje?

RESULTADOS DO TOTAL DA AMOSTRA E PROJEÇÃO DO RESULTADO ELEITORAL. A PROJEÇÃO É CALCULADA PELA DISTRIBUIÇÃO DA INTENÇÃO DE VOTO APÓS A EXCLUSÃO DOS INQUIRIDOS QUE DIZEM NÃO VOTAR (12%) E A IMPUTAÇÃO DOS INQUIRIDOS INDECISOS (12%). A DIFERENÇA PARA 100% CORRESPONDE À INTENÇÃO DE VOTO EM OUTROS PARTIDOS (2%), BRANCOS E VOTOS NULOS (2%)



PORTUGAL TEM ESTADO A IR PELO CAMINHO CERTO OU PELO CAMINHO ERRADO?

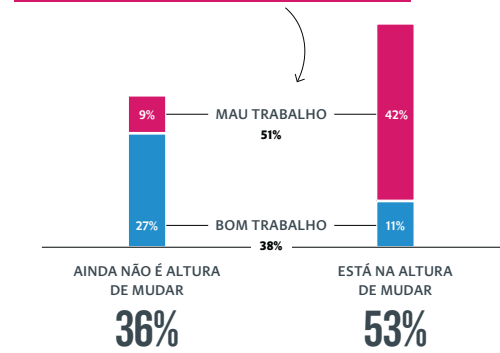
Percentagem em relação ao total da amostra



PENSANDO NAS PRÓXIMAS LEGISLATIVAS, DE 18 DE MAIO, COMO AVALIA O TRABALHO DO GOVERNO AD?

Percentagem em relação ao total da amostra

EM RESPOSTA À AVALIAÇÃO DO TRABALHO DO GOVERNO, AS OPINIÕES NEGATIVAS DE HÁ UM ANO ERAM SUPERIORES ÀS ATUAIS. EM FEVEREIRO DE 2024, 56% DOS INQUIRIDOS RESPONDERAM QUE O GOVERNO SOCIALISTA ESTAVA A FAZER UM MAU TRABALHO



FICHA TÉCNICA

Sondagem cujo trabalho de campo decorreu entre os dias 25 de abril e 5 de maio de 2025. Foi coordenada por uma equipa do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa) e do ISCTE — Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), tendo o trabalho de campo sido realizado pela GfK Metrís. O universo da sondagem é constituído pelos indivíduos de ambos os sexos com idade igual ou superior a 18 anos e capacidade eleitoral ativa, residentes em Portugal Continental. Os respondentes foram selecionados através do método de quotas, com base numa matriz que cruza as variáveis Sexo, Idade (4 grupos), Instrução (3 grupos), Região (7 Regiões NUTS II) e Habitat (Dimensão dos agregados populacionais (5 grupos)). A partir de uma matriz inicial de Região e Habitat, foram selecionados aleatoriamente 111 pontos de amostragem onde foram realizadas as entrevistas, de acordo com as quotas acima referidas. A informação foi recolhida através de entrevista direta e pessoal na residência dos inquiridos, em sistema CAPI, e a intenção de voto em eleições legislativas recolhida através de simulação de voto em urna. Foram contactados 3550 lares elegíveis (com membros do agregado pertencentes ao universo) e obtidas 1002 entrevistas válidas (taxa de resposta de 28%; taxa de cooperação de 44%). O trabalho de campo foi realizado por 42 entrevistadores, que receberam formação adequada às especificidades do estudo. Todos os resultados foram sujeitos a ponderação por pós-estratificação de acordo com a frequência de prática religiosa e a pertença a sindicatos ou associações profissionais dos cidadãos portugueses com 18 ou mais anos residentes em Portugal Continental, a partir dos dados da vaga mais recente do European Social Survey (Ronda 11). A margem de erro máxima associada a uma amostra aleatória simples de 1002 inquiridos é de +/- 3,1%, com um nível de confiança de 95%. Todas as percentagens são arredondadas à unidade, podendo a sua soma ser diferente de 100



mas isso implicaria sempre aceitação e boa vontade por parte do grande partido que ficasse de fora. E a aceitação de Marcelo Rebelo de Sousa.

Um mau trabalho

Só este contexto de dispersão de votos pode explicar que, embora a AD continue na frente, a maioria dos inquiridos responda que o Governo deve mudar e que a coligação fez um mau trabalho ao longo do último ano. Segundo a sondagem ISCTE/ICS, 51% dos inquiridos acham que o Executivo tem feito um mau trabalho (apenas 38% o avaliam como positivo), embora há um ano essa percentagem fosse ligeiramente maior (56%) — mas estava então em causa um PS com oito anos acumulados no poder.

De resto, 53% das pessoas que responderam à sondagem defendem que está na altura de mudar de Governo (embora essa percentagem fosse maior há um ano, de 61% em relação ao PS de António Costa). Apenas 36% dos inquiridos, pouco mais dos que admitem votar na AD, entendem que o momento de remover a coligação PSD/CDS ainda não chegou. Um fator que distingue bem os eleitorais e que, de certa forma, mostra como os apelos diretos de Montenegro ao eleitorado do Chega podem não funcionar é que 90% dos que dizem votar no Chega são dos que avaliam mais negativamente o Governo, com um peso muito maior do que os 68% de votantes socialistas que têm a mesma opinião.

Em simultâneo, outro indicador poderia indiciar um prejuízo para a AD: 67% dos inquiridos responderam que Portugal tem ido pelo caminho errado e só 22% admitem que vai no caminho certo, respostas que ficam bastante abaixo das intenções de voto na coligação governamental. Aliás, 35% destes pessimistas dizem simpatizar com o PSD (56% dos que acham o rumo correto são eleitores laranjas), mas a prevalência negativa é superior nos simpatizantes do PS (77%) e em 90% dos eleitores do Chega. Os valores não são muito diferentes dos de há um ano, embora o pessimismo dominasse 71% das opiniões ao fim de oito anos de governação socialista. Falta uma semana e nada faz prever que a incerteza termine a 18 de maio.